

# EDITAR E PUBLICAR LIVROS NA PANDEMIA: NOTAS DO HOME OFFICE

---

## EDIT AND PUBLISH BOOKS IN THE PANDEMIC: NOTES FROM THE HOME OFFICE

Ana Elisa Ribeiro\*  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET

**RESUMO:** Decorrente do diálogo com editoras e pesquisadoras das questões editoriais durante o 24º Congresso de Estudos Literários da UFES, este texto especula sobre possíveis consequências do isolamento social e da crise sanitária da Covid-19 para o mercado de livros no Brasil, considerando especialmente a atividade de editoras independentes e a atuação das mulheres como escritoras, editoras e leitoras. A partir da experiência como professora no bacharelado em Letras/Edição do CEFET-MG e como colaboradora de casas editoriais de variados portes, apresento aqui notas e reflexões sobre a explosão de originais e os entraves de publicar durante uma crise que foi, também, econômica e social. As consequências da pandemia ainda estão por ser sentidas e analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edição; Pandemia; Mercado Editorial; Produção Editorial.

**ABSTRACT:** As a result of the dialogue with publishers and researchers on editorial issues during the 24th Congress of Literary Studies at UFES, this text speculates on possible consequences of social isolation and the health crisis of Covid-19 for the book market in Brazil, especially considering the activity of independent publishers and the performance of women as writers, publishers, and readers. Based on my experience as a teacher in the graduation course in Letters/Editing at CEFET-MG and as a collaborator with publishing houses of various sizes, I present here notes and reflections on the explosion of originals/manuscripts and the obstacles to publishing during a crisis that was also economic and social. The consequences of the pandemic are yet to be felt and analyzed.

**KEYWORDS:** Publishing; Pandemic; Editorial Market; Editorial Production.

---

\* Professora titular do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Pesquisadora do CNPq e da Fapemig, agências às quais se agradece. Agradecimentos também ao bacharelado extensionista Vinícius Leite pelo apoio na transcrição das falas e na edição deste texto; e aos editores da revista *Contexto*.

## Considerações iniciais sobre o dito e o escrito

ESTE TEXTO, DE TEOR ESPECULATIVO E QUE DELIBERADAMENTE escapa à forma (fôrma) de um artigo científico, nasceu a partir da transcrição de uma fala, ela, sim, frouxamente preparada para um evento da Universidade Federal do Espírito Santo do qual tive a alegria de participar em 2022: o 24º Congresso de Estudos Literários. O convite, prontamente aceito, foi para tratar de um tema tão amplo quanto urgente, naquele momento: “Edição na pandemia”. Éramos quatro convidadas - Marília Carreiro (Editora Pedregulho), Livia Vianna (Grupo Record) e a mediadora Marília Barcellos (Universidade Federal de Santa Maria, RS), além de mim - não apenas estudiosas e interessadas em edição, mas editoras que experimentamos o gerenciamento de processos editoriais antes, durante e depois da crise sanitária do nosso século.

Digo “frouxamente preparada” porque, justamente por se tratar de uma mesa-redonda (virtual) com colegas de profissão, minhas considerações foram anotadas porosamente, deixando espaços para o ouvir e o responder, permitindo-me uma dose de improviso absolutamente necessária em um evento a muitas vozes. Estávamos ali para interagir, dialogar sobre um assunto importante - a edição e os livros - e que deveria frequentar muito mais os congressos de estudos literários. Minha disposição era a de escutar minhas colegas com a curiosidade e a alegria de quem finalmente encontra esses espaços de interlocução, que são duramente conquistados. Meus agradecimentos naquela ocasião se renovam neste texto, agora aproveitando o ensejo de uma publicação que dá não apenas sobrevida ao debate que fizemos em 2022, e que ficou gravado, mas que cria oportunidade exatamente de um processo de edição (do texto, de seus modos semióticos originais e posteriores, e de uma revista científica) que me presenteia com a chance de repensar o dito e de escrever um texto cuja circulação terá suas outras e renovadas características. Admitindo amplamente: tudo isso é *editar*.

## Formar em edição nas Letras: o óbvio discreto

Na ocasião da *live* promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, iniciei minha fala explicando minha mirada sobre o tema. Falar desde o bacharelado em Letras/Edição e a linha IV (Edição, linguagem e tecnologia) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais tem suas especificidades, perspectiva que eu logo quis dar a conhecer, já que a preocupação central com a edição não é uma tradição na área de Letras no Brasil (e, afirmando sem grandes riscos, tampouco em outros países). No CEFET-MG, ocupamo-nos da formação em Edição num leque amplo de possibilidades que geralmente não são exploradas na formação em Letras, menos ainda em licenciaturas. Com isso, atacamos justamente as “outras” possibilidades aventadas, por exemplo, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso, um documento que já conta mais de vinte anos de existência (BRASIL, 2021). Conforme suas diretrizes específicas, está entre os objetivos dos cursos de Letras a formação de profissionais “capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito” (p. 30). Passadas mais de duas décadas da publicação dessas DCN, parece importante frisar que o advérbio “especialmente” pode ser lido tanto como uma restrição quanto como uma abertura. E, no CEFET-MG, escolhemos abrir.

Se o profissional de Letras, tanto licenciado quanto bacharel, deve dar atenção especial à palavra (linguagem verbal), ele não precisa (e não deve, penso) abandonar outras linguagens abarcadas pelas modalidades oral e escrita, o que já denota um imenso universo. E nesse universo estão todas as questões da edição, em muitos suportes e usando variadas tecnologias.

As mesmas diretrizes indicam a formação de profissionais que dominem o uso da língua, o que inclui suas “manifestações culturais”, além do desenvolvimento da “capacidade de reflexão crítica sobre temas e questões relativas aos conhecimentos linguísticos e literários” (BRASIL, 2021, p. 30).

Pesquisa, extensão e ensino deveriam estar integrados e concorrer para essa formação, ao que somo, hoje, a prática profissional, sem a qual um editor ou uma editora dificilmente compreenderão os processos editoriais e suas dinâmicas, inclusive e principalmente na interação com a sociedade. Entre as “manifestações culturais” aí mencionadas, não deve causar estranhamento incluir o *livro*, em todas as suas formas (RIBEIRO, 2023) e sempre considerando seu impacto nas práticas sociais, nos letramentos e na formação de cidadãos plenamente capazes de reconhecer e exercer seus direitos (SOARES, 2002). Ademais, claramente, a publicação de livros é um dos “temas e questões” relacionados aos “conhecimentos linguísticos e literários”, o que sempre reforça os vínculos (geralmente excessivamente discretos) entre as Letras e a Edição.

As diretrizes para a formação em Letras assim listam as possibilidades do profissional formado na área, seja licenciado ou bacharel: “professores, pesquisadores, críticos literários, tradutores, intérpretes, revisores de textos, roteiristas, secretários, assessores culturais, entre outras atividades” (BRASIL, 2001, p. 30). Note-se aí a ausência da figura do editor ou da editora ou sua não explicitação em um conjunto de atividades histórica e socialmente ligadas aos processos de edição, como a tradução, a revisão de textos, a crítica literária e outras que podem, perfeitamente, ser desenvolvidas em cursos de Letras para uma atuação inserida nas dinâmicas do mercado editorial, em especial nos dias atuais. O que fizemos no CEFET-MG foi investir nas “outras atividades”, essas que não são nomeadas, mas não porque não existam ou não sejam de nossa alçada. Acreditamos que elas não estejam aí explicitadas mais por uma falta de visão/clareza dos caminhos profissionais amplos e dinâmicos, inclusive em posições de liderança e de decisão, que uma pessoa formada em Letras pode brilhantemente trilhar, a despeito de um entendimento mais ou menos generalizado de que gente de Letras corrige, comenta, critica, mas não decide e nem escreve. Entendimento que queremos subverter.

O curso de Letras, segundo as diretrizes em foco (BRASIL, 2021), deveria provocar o desenvolvimento de uma série de competências e habilidades (e aí já inserido um discurso sobre formação hoje hegemônico), entre as quais destaco o domínio da língua portuguesa (oral e escrita), “em termos de recepção e produção de textos”; a reflexão sobre a linguagem, de maneira crítica e analítica, tomando-a em suas dimensões psicológica, educacional, social, histórica, cultural, política e ideológica; a utilização de “recursos da informática”; e, para citar apenas mais um item, e deixando de lado as facetas da formação docente, uma “preparação profissional atualizada, de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho”.

Afora todas as questões que a formação em Letras deveria, então, enfrentar, é importante rever essas diretrizes pensando nas tais “dinâmicas do mercado de trabalho” que contemplem não apenas professores, uma vez que o documento também se ocupa dos bacharéis. No CEFET-MG, o vínculo entre questões teórico-analíticas e a prática profissional, em um mercado que muda e evolui em ritmo alucinante, inclusive na direção das tecnologias e de dinâmicas socioeconômicas ligadas à indústria editorial e criativa, precisa estar sempre em pauta, o que exige de nós, docentes formadores de editores, atenção redobrada e certa inserção nas práticas profissionais em editoras, seja como escritores, seja como tradutores, revisores ou editores.

A separação entre teoria e prática, tratadas como lados de uma moeda que nunca se enxergam, só dificulta, na formação em edição, uma visão mais integrada e arejada sobre essa indústria (altamente globalizada, aliás). A tarefa não é fácil, como eu já afirmava na *live*, mas vimos tentando compreender nossa atuação como docentes em edição como um eterno laboratório, conectando-nos a parceiros externos nos circuitos editoriais, mantendo-nos suficientemente *dentro* para observar e analisar dinâmicas e mecanismos, mas também *fora* como pesquisadores e professores dedicados à formação de outras pessoas. No mercado editorial, as mudanças são aceleradas e o debate público se mostra sempre bastante matizado. É preciso conhecer as questões

profissionais e sociais da edição, compreendendo leitura, escrita, publicação, circulação e outros elementos de maneira sistêmica. E fazer isso exige, literalmente, sujar as mãos de tinta.

### Sujando bem as mãos

A docente dedicada à formação em Letras, linguista com doutorado sobre leitura e tecnologias digitais, formadora de outros pesquisadores, mas também de bacharéis em Letras, não exclui a editora, diretora de coleções de livros, revisora de textos de muitos gêneros, leitora crítica de obras literárias que, de fato, circularão socialmente, por meio de casas editoriais de portes variados. É essa experiência, acumulada desde a década de 1990, que me forma e também me autoriza como alguém que suja as mãos, escolhe papéis, cria roteiros ou lê originais. A virada do milênio trouxe muitos elementos que alteraram o universo da edição em todo o mundo, e o Brasil não ficou de fora. A chamada concentração do mercado editorial (DE DIEGO, 2015) e a emergência das editoras ditas independentes aconteceram nessa virada e participei ativamente disso, num cenário de tecnologias em transição, disputas discursivas, além da explosão de informação que também atingiu o mundo do livro. Se, de um lado, colaboro desde sempre com editoras pequenas, às vezes recém-nascidas, cujos projetos pensam a bibliodiversidade (COLLEU, 2008; HAWTHORNE, 2018; RIBEIRO, 2021) e o livro de tiragem modesta, de outro, sigo aprendendo também as dinâmicas robustas de grupos editoriais grandes, de alcance nacional (e às vezes internacional), cujas tiragens ocuparão livrarias famosas país adentro. Essa experiência atravessou os dois anos mais duros da pandemia, e a experiência de viver esse período gerou, claro, reflexões e anotações. Foram essas notas que apresentei no evento da UFES, lembrando, na ocasião, que as mutações do vírus da Covid-19 e a renitência da pandemia não nos permitiriam relaxar. Não tão cedo.

É esse um dos aspectos sociais da edição. Ela está conectada a tudo o que acontece em sociedade. Mesmo que, antes do isolamento social, soubéssemos

das conexões entre a produção editorial, a feitura de livros e a comunicação com os leitores, não era possível ter tanta clareza dos elos de um circuito que depende, fortemente, da circulação e da saúde (mental e física) das pessoas, dos eventos, das apresentações de obras, das livrarias abertas, da encenação (dito num sentido bem charaudeausiano) de escritores, leitores e todo tipo de mediador. Na pandemia, o impedimento de alguns desses itens provocou prejuízo a toda a rede, mas, de outro lado, ensejou mais leitura, mais consumo de livros por meio de tecnologias digitais (seja dispositivos, seja pelo e-commerce) e até o crescimento de algumas casas editoriais, enquanto outras, ao contrário, agonizaram e encerraram suas atividades. De todo modo, foi notável o aumento, por exemplo, da quantidade de originais recebidos pelas editoras, provavelmente em decorrência de uma produção escrita que se valeu do recolhimento de quem antes não tinha tempo para escrever ou para editar seus escritos eternamente engavetados.

132

As presencialidades diversas puderam ser experimentadas e deram chance de uma percepção mais concreta do que falta e do que sobra quando um livro é publicado. O valor dos autógrafos, dos abraços, do toque na capa e do livro físico foi confirmado, enquanto os lançamentos virtuais mostraram muitas visualizações, mas poucos cliques no botão de “comprar”. Em outras palavras, o evento, a feira, a livraria, todas essas coisas que são pontas presenciais/físicas estão muito conectadas com a ideia de fazer livros. Isso em nada se parece com a prática “solitária” que frequentemente se menciona, tanto em relação ao escrever quanto ao ler. Outro elemento interessante que aponta justamente na direção das interações e da necessidade do social/coletivo é a quantidade de clubes de leitura que apareceram durante a pandemia. Clubes de variados portes, ligados ou não a empresas (livrarias, editoras...), que reuniram pessoas em torno de uma obra escolhida e dinamizaram o mundo do livro: indicação, aquisição, comentário, bate-papos com autores, encontros virtuais etc. Depois da fase mais aguda da pandemia, no retorno à “normalidade”, muitos desses grupos e clubes foram encerrados, numa demonstração (também um tanto triste) de que a gestão do tempo que

falta ou sobra está relacionada à leitura e à edição (à escrita, inclusive), que têm sido expulsas das dinâmicas sociais, por demais aceleradas e exploradoras. As pessoas voltaram às atividades presenciais; é também dizer que os leitores deixaram seus livros (e seus desejos de leitura) à espera, sobre as mesas, num abandono que se relaciona com as coisas que de fato raramente podemos escolher fazer.

Onde parecia estar escondido o leitor contumaz? Oprimido pelas horas de trânsito urbano, premido pelos deslocamentos desconfortáveis, perdendo o tempo de várias páginas de aventura, mistério, horror ou conhecimento científico. Obviamente, esse tipo de câmbio não aconteceu a todos os cidadãos de maneira equânime. Foi desigual e assimétrico, injusto com muitos e muitas, inclusive em relação à distribuição do tempo dentro da própria casa entre homens e mulheres, mas é importante refletir sobre essa parcela de leitores e leitoras que, na crise sanitária, encontrou um modo de viver do qual os livros fizeram parte.

133

### **Afetos, afetados**

Editar na pandemia teve e terá consequências. A edição de livros pós-pandemia também já mostra um cenário de recuos e desacelerações<sup>1</sup>. Como dito antes, os casos de editoras grandes que cresceram durante a crise sanitária são muitos, enquanto pequenas casas desistiram de atuar, geralmente porque dependiam muito mais da presencialidade física do que as empresas que podiam manter infraestruturas digitais ágeis e robustas. O impedimento da promoção de feiras independentes provocou a agonia de pequenas editoras, o que não afeta as grandes (que já não participavam dessas feiras e festivais). De outro modo, pequenas casas que nunca dependeram de livrarias não sentiram o fechamento das portas de vitrines importantes. Nesse aspecto, veem-se duas dinâmicas ou,

---

<sup>1</sup> Menciono informações desse tipo diversas vezes ao longo deste texto. Todas elas decorrem das leituras e do acompanhamento do mercado editorial por meio de jornais, revistas e newsletters especializadas. Pode-se encontrar muito sobre todas essas questões, por exemplo, no *PublishNews* ([www.publishnews.com.br](http://www.publishnews.com.br)).



melhor dizendo, órbitas diferentes de uma mesma cena, integrada apenas por alguns pontos.

Enquanto as editoras sofriam de modos diferentes, outros setores dessa rede eram afetados de maneira particular. Como já se disse, muita gente escreveu. Para viver a angústia ou o alívio, muitos projetos de escrita foram começados ou finalmente tiveram condições de continuar. Alguns dos efeitos perceptíveis e mensuráveis disso logo apareceram: recordes de originais chegando às mesas dos editores, assim como recordes de inscrições em todas as categorias dos prêmios literários subsequentes à pandemia. Para mencionar apenas dois deles, e talvez exatamente os mais importantes, o Jabuti e o Oceanos anunciaram o crescimento das candidaturas, enquanto as editoras planejavam como tratar um verdadeiro represamento de textos originais ou mesmo de livros que aguardavam ser lançados. Por seu turno, os leitores demonstravam seus limites de consumo diante dos preços de capa muito aumentados em decorrência do encarecimento rápido dos insumos, que só subiram durante essa crise, também econômica e mundial.

134

Noutro ramo da mesma questão, muita gente resolveu editar. Talvez já seja possível computar o nascimento de muitas microeditoras durante a pandemia, incluindo iniciativas de autoedição<sup>2</sup>. Desafiando a falta de espaço em editoras grandes e mesmo o gargalo das pequenas, sem capacidade financeira para lançar uma enxurrada de novas obras, muita gente se converteu em editor, num cenário de crise social e econômica, mas também sob a ilusão da facilidade tecnológica digital: parece fácil escrever, revisar, diagramar; e parece fácil disponibilizar uma obra (via Amazon, por exemplo). Facilidade ilusória de muitas maneiras, mas especialmente porque a trilha desses livros costuma terminar logo na sua largada.

---

<sup>2</sup> Para uma discussão robusta e crítica sobre autoedição e plataformização das publicações, ver Vecchio (2022).

E há mais o que compreender diante de fatos conhecidos durante a crise sanitária. Pela primeira vez em sua história, o Prêmio Jabuti teve cinco finalistas mulheres na categoria Romance, a mais prestigiosa entre as órbitas valorativas da cena. Um ano antes, já acontecera algo semelhante na categoria Poesia, mas é de se comentar que, a despeito de esta ser a categoria com mais concorrentes (numericamente), não é a mais prestigiosa socialmente e mesmo no mercado da edição e do livro. De todo modo, isso suscita questionamentos para os quais provavelmente apenas arriscaremos respostas: há qualquer viés de gênero nessa ocorrência, isto é, isso se passou porque as mulheres escreveram mais, publicaram mais e concorreram mais, em tempos de desequilíbrio? Ou a chegada delas a todos os pódios guarda relação apenas com uma marcha que já vinha acontecendo socialmente, em mais uma investida de consciência feminista? Os ambientes de crise, sabemos, podem favorecer certos acontecimentos e mesmo evoluções. Terão as mulheres descoberto tecnologias sociais que favoreceram suas produções escritas e editoriais em tempos de crise? Como já dito: a saber.

### **Considerações finais sobre um próximo passo trôpego**

A edição no Brasil tem espaço para pessoas formadas em Letras cujo olhar possa estar atento às questões da leitura e da escrita sob o ângulo da produção editorial, um ângulo que nada tem de novo, do ponto de vista histórico ou social, mas que raramente encontra espaço amplo no debate nesta área que, afinal, forma gente do texto, da linguagem e da língua. Há muito o que pesquisar, mas, principalmente, o que fazer.

As questões de gênero e a perspectiva feminista estão na agenda dos estudos de edição (SAPIRO, 2016) e seguem trazendo resultados importantes para as reflexões sobre editar e publicar, além do ler e escrever. Os prêmios dos últimos anos deram visibilidade ao tema, mas são a superfície de algo que se dá fortemente nos bastidores da produção editorial, que, há muito, é um espaço feminizado (feminino em condições quase nunca ideais, para além da

invisibilização), e que, segundo Rivera Mir (2021), é ocupado pelas mulheres, isto é, o mercado editorial latino-americano se compõe preponderantemente da força de trabalho feminina. As engrenagens dos processos que produzem livros dependem, em larga medida, dessas trabalhadoras (tradutoras, revisoras, leitoras críticas e, por que não, editoras).

O que virá em decorrência da pandemia ainda está por ser vivido, visto e analisado. Certamente há consequências do isolamento social, do trabalho de escrita e tradução enquanto não se podia ir às ruas e ao encontro das pessoas, enquanto se produziam textos em meio às atividades domésticas, algo, aliás, que as mulheres que escrevem sempre fizeram, e que provavelmente lhes soou familiar no período de crise sanitária. Os “quartos próprios” devassados de sempre, interrompidos, num tempo fragmentário e caótico. Apesar de a pandemia ter sido, por definição, um problema coletivo, ele afeta as pessoas de modos diferentes (e as empresas, mercados, setores etc.).

136

Pós-crise aguda, grandes eventos e feiras retomaram as atividades presenciais, assim como as livrarias (poucas que há no país), que reabriram suas portas. A pandemia se tornou tema na literatura publicada. Romances, poemários e conjuntos de contos a têm como cenário, ambiente, atmosfera, pano de fundo. As perdas, o luto, o cuidado, a tragédia têm sido expiados por meio de narrativas que já deixaram os bastidores e foram parar nas vitrines. Os efeitos econômicos e sociais disso e dessa gestão estranha do tempo durante a crise estão por vir e já vão se revelando na forma, por exemplo, de uma explosão de literaturas, traduções e novas autorias, gêneros literários inclassificáveis, mudanças de assunto e mesmo o repensar explícito do mundo, que por um instante deixou de enxergar claramente qualquer futuro. Ficam estas anotações para uma conversa que se estabeleceu no congresso da UFES e que se estenderá pelos próximos anos, diante da reconfiguração de um cenário de livros e leituras que está sempre em movimento, sensível à humanidade, em suas tempestades e bonanças.

## Referências

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia*. Brasília: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> Acesso em: 26 ago. 2023.

COLLEU, Gilles. *La edición independiente como herramienta protagónica de la biodiversidad*. Trad. Víctor Goldstein. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Marca Editora, 2008.

DE DIEGO, José Luis. *La otra cara de Jano*. Una mirada crítica sobre el libro y la edición. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2015.

HAWTHORNE, Susan. *Biodiversidad. Un manifiesto para la edición independiente*. Trad. Sáez Juan Carlos y Alejandro Caviedes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Marca Editora, 2018. [A edição original australiana é de 2014. Em 2017, saiu a edição chilena.]

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro e multimodalidade: Concepções em trânsito na obra de Gunther Kress. *Revista Dispositiva*, v. 11, n. 20, p. 158-172, ago./dez. 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/29477/20434> Acesso em: 27 ago. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro, hoje. Multiversidade e aspectos tecnológicos. In: DEAECTO, Marisa Midori; SOREL, Patrícia; KALIL, Livia (Orgs.) *Biodiversidade e o preço do livro: da lei Lang à lei Cortez: experiências e expectativas em torno da regulação do mercado editorial (1981- 2021)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.

RIVERA MIR, Sebastián. *Edición latinoamericana*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México DF: Casa Abierta al Tiempo, 2021. (Colección Palabras clave) Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/15740/1/Edicion-latino.pdf> Acesso em: 26 ago. 2023.

SAPIRO, Gisèle. *La sociología de la literatura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. [*Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.]

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, 23, p. 143-160, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>. Acesso em: 10 abr. 2023.

VECCHIO, Pollyanna de Mattos Moura. *O direito de publicar: autopublicação, fastpublishing e tecnologias digitais no mercado editorial brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens). Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.